

A METALINGUAGEM NO MODERNISMO E NA CONTEMPORANEIDADE

Raquel Teixeira Otsuka¹
Sabrina Vieira Mioto²

Resumo: O objetivo deste estudo é analisar como se apresenta a metalinguagem em diferentes estilos de época, visto que, ao longo da história da literatura, muitos escritores trabalharam a metalinguagem. Seja em forma de poesia, crônica, conto, romance, a literatura nunca deixou de ser um tema dela própria. Sendo assim, o presente trabalho estuda a metalinguagem em textos literários de dois períodos distintos – o Modernismo e a Contemporaneidade. Para tanto, o *corpus* deste estudo é constituído de dois poemas, “Poética” de Manuel Bandeira, representante do Modernismo, e “Nova profissão de fé” de Ivo Barroso, poema contemporâneo, com o intuito de verificar tal recurso em ambos os períodos, as disparidades e similaridades. Esses poemas apresentam como principal assunto uma *ars poetica*, ou seja, poemas que abrangem preceitos relacionados ao “fazer poesia”, como ela é ou deve/não deve ser e para que ela serve. O trabalho constitui-se, primeiramente, de uma reflexão acerca da metalinguagem na literatura, seguido de contextualização de produção do poema “Poética”, assim como sua análise. Na sequência, estudo do poema de Ivo Barroso, considerando-se a literatura contemporânea. Por fim, comparações entre os poemas e algumas considerações. Este estudo conta com embasamento teórico de CASTELLO (2004), CHALHUB (1986), COUTINHO (2004), FERNANDES (2009), PONTIERO (1986) entre outros.

Palavras-chave: Metalinguagem; Modernismo; Literatura contemporânea.

1. Introdução

A própria literatura, o fazer literário, o escritor. Estes elementos sempre estiveram presentes na literatura – brasileira e universal. Ao longo da história da literatura, muitos escritores abordaram este tema – a metalinguagem. Seja em forma de poesia, crônica, conto, romance, a literatura nunca deixou de ser um tema dela própria. Mas por que este interesse tão grande em escrever sobre o próprio fazer literário? Clarice Lispector, em sua crônica “Estilo”, diz: “O que eu escrevesse ia ser o prazer dentro da miséria. É a minha dívida de alegria a um

¹ Estudante de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: rak_otsuka@hotmail.com

mundo que não me é fácil" (LISPECTOR, 2010, p. 21). E, em outra crônica intitulada "Sobre escrever":

Às vezes tenho a impressão de que escrevo por simples curiosidade intensa. É que, ao escrever, eu me dou as mais inesperadas surpresas. É na hora de escrever que muitas vezes fico consciente das coisas, das quais, sendo inconsciente, eu antes não sabia que sabia (LISPECTOR, 2010, p. 85).

Ao ato de escrever sobre a própria linguagem dá-se o nome de "metalinguagem", que é o atributo que tem a língua de se voltar a si mesma, podemos dizer que é a forma de expressão de dicionários e gramáticas. Mas, o significado do termo estendeu-se e, atualmente, é possível associá-lo a vários tipos de linguagem. Por exemplo, uma música em que a temática seja o próprio fazer musical terá consigo tal recurso. Como pode ser visto no "Samba de uma Nota Só", de Tom Jobim: "Eis aqui este sambinha/ feito numa nota só/ outras notas vão entrar/ mas a base é uma só". Vale citar também o metapoema de Gilberto Gil, "Metáfora", em que o autor diz que poetar é dar novo significado ao que já existe: "Uma lata existe para conter algo./ Mas quando o poeta diz: "Lata"/ Pode estar querendo dizer o incontível".

Focaremos-nos em uma análise comparativa em relação à metalinguagem, ou seja, quando se fala do "próprio fazer", e, no caso desta análise, dissertaremos sobre o próprio "fazer poético". Para tanto, utilizaremos dois poemas de períodos estéticos distintos com o intuito de verificar tal recurso em ambos os períodos, as disparidades e similaridades. O recorte deste trabalho é composto por metapoemas, os quais apresentam como principal assunto uma *ars poetica*, ou seja, poemas que abrangem preceitos relacionados ao "fazer poesia", como ela é ou deve/não deve ser e para que ela serve. De acordo com Chalhub (1986, p. 60), metapoemas refletem sobre problemáticas teóricas quanto ao ato de poetar, trazem consigo uma pergunta essencial: "O que é (fazer a) poesia"?. No tocante à utilização da metalinguagem, a própria literatura já fora tema de vários autores, como, por exemplo, Manuel Bandeira que, além de "Poética" – objeto deste trabalho –, tem vários outros poemas do mesmo livro que abordam tal temática, o "Cacto" é um exemplo, o qual levanta pelo

² Estudante de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: sabrinamioto@yahoo.com.br

menos duas interpretações. Uma dessas interpretações é em relação à linguagem do Modernismo, ou seja, o autor aborda aquela linguagem nova, em um momento de ruptura, a qual é colocada como algo impactante, assim, é comparada ao surgimento do cacto na cidade, num hábitat que não é o seu, ou seja, aquilo que causa estranhamento: "O cacto tombou atravessado na rua,/ Quebrou os beirais do casario fronteiro,/ Impediu o trânsito de bondes, automóveis, carroças,/ Arrebentou os cabos elétricos e durante vinte e quatro horas/ [privou a cidade de iluminação e energia" (BANDEIRA, 1993, p. 27).

Outro autor que podemos citar é Ferreira Gullar com seu poema "Meu povo, meu poema", no qual o eu-lírico reflete sobre o "fazer poesia". Gullar é um dos mais engajados poetas com os problemas sociais. Na poesia em questão, o povo e o poema fundem-se em um só: "Meu povo e meu poema crescem juntos", e o poema necessita do povo para ser escrito: "No povo meu poema vai nascendo", assim como é escrito para o povo: "Ao povo seu poema aqui devolvo". Desse modo, uma das possíveis interpretações é que a poesia deve estar vinculada às questões sociais, ou seja, a literatura, a poesia, neste caso específico, deve contribuir nas transformações da sociedade.

Para exemplificar a utilização da metalinguagem em romances, um autor de suma importância é Machado de Assis, pelo fato de ser comum em suas obras a pausa na narrativa para comentar sobre a própria linguagem, de tal forma que sugere que o leitor participe da construção do texto. É uma característica que pode ser vista em grande parte da obra realista do autor, em especial no romance *Dom Casmurro*, em que os dois primeiros capítulos "Do Título" e "Do livro", como os próprios títulos sugerem, são para falar da construção da narrativa. No primeiro capítulo o narrador comenta sobre a escolha do título, para isso conta sobre uma noite em que encontrara um rapaz, o qual conhecia "de vista e de chapéu", que lhe recitava, mas como estava cansado, acabou fechando os olhos algumas vezes, o que foi suficiente para que o rapaz interrompesse a leitura. No dia seguinte, o rapaz veio a atribuir-lhe nomes feios, alcunhando-o "Dom Casmurro":

Não consultes dicionários. Casmurro não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. Dom veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha

narração; se não tiver outro daqui até o fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo rancor. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto (ASSIS, 2004, p. 09).

Já no segundo capítulo, o narrador, após explicar o título, relata o porquê de estar escrevendo o livro, na velhice, a monotonia o cansava, então pensou em escrever um livro: jurisprudência, filosofia, política, mas faltaram-lhe as forças necessárias para a inspiração. Pensou também em fazer uma História dos Subúrbios, até que os bustos pintados nas paredes lhe deram uma ideia: não reconstituir os tempos idos, mas pegar a pena e contar alguns:

Fiquei tão alegre com esta idéia, que ainda agora me treme a pena na mão. Sim, Nero, Augusto, Massinissa, e tu, grande César, que me incitas a fazer os meus comentários, agradeço-vos o conselho, e vou deitar ao papel as reminiscências que me vierem vindo. Deste modo, viverei o que vivi, e assentarei a mão para alguma obra de maior tomo. Eia, comecemos a evocação por uma célebre tarde de novembro, que nunca me esqueceu. Tive outras muitas, melhores, e piores, mas aquela nunca se me apagou do espírito. É o que vais entender, lendo (ASSIS, 2004, p. 11).

Tal temática fora utilizada em outras criações do autor, como, por exemplo, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Por meio do narrador há o relato sobre a narrativa, se iria começar pelo nascimento ou pela morte, além de fazer intertextualidade com Moisés, o qual também contara a sua morte:

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo; diferença radical entre este livro e o Pentateuco (ASSIS, 1997, p. 13).

No caso de Machado de Assis, este é um recurso que só veio a enriquecer seu estilo, visto que faz uso constante da metalinguagem, trazendo, assim, descontinuidade da leitura,

tornando-se um dos recursos estilísticos que marcam a singularidade do "estilo machadiano".

Por meio dos excertos acima fica notável que a utilização da metalinguagem percorreu por períodos diversos, por autores vários. Dentre os escritores modernos (Rubem Braga, Carlos Drummond, João Cabral de Melo Neto, Manuel Bandeira), principalmente, é difícil

citar quem não tenha feito uso de tal recurso.

2. O modernismo

O Modernismo inicia-se no Brasil em 1922 e é um amplo movimento cultural que repercutiu sobre a cena artística e a sociedade, a primeira vez que a arte nacional toma a iniciativa de romper com tudo o que havia sido feito anteriormente. A Semana de Arte Moderna tem uma função simbólica importante na identidade cultural brasileira. Por um lado, celebra-se um século da independência política de Portugal, e por outro, conseqüentemente, há uma necessidade de se definir o que é a cultura brasileira, o que é o sentir-se brasileiro, quais os nossos modos de expressão próprios; no fundo, procura-se a "alma nacional". Sendo, assim, Proença Filho (1989) considera o Modernismo um dos mais "fecundos" movimentos literários do Ocidente, por sua variedade de expressão, sendo, ainda hoje, um movimento controvertido, discutido e polêmico.

Este movimento possui enorme importância para a formação da nossa identidade brasileira, é um momento histórico de grande nacionalismo, que possuía entre seus objetivos criar e identificar uma nova cultura nacional, diferenciando assim o Brasil dos demais países. O Modernismo trouxe o novo, o diferente, o inédito para contrastar com o antigo, com uma literatura copiada da Europa, rompendo tradições e criando uma identidade verdadeiramente brasileira.

Justamente por ser um movimento ousado e polêmico, o Modernismo discutiu e problematizou os mais variados temas, sendo a própria literatura um deles. Este movimento buscou, ainda, criticar a literatura que estava sendo feita até então, principalmente, o Parnasianismo, movimento literário que se apoiava nos clássicos antigos e buscava o culto à forma perfeita da poesia.

A crítica literária divide o Modernismo brasileiro em três fases: a primeira é conhecida como a fase de "destruição", na qual seus artistas procuram romper com tudo o que havia sido feito em literatura e artes em geral até o momento. Estende-se de 1922 a 1930. A segunda fase modernista seria a fase de "construção", o movimento torna-se menos radical, sendo um período rico tanto em poesia quanto em prosa. Finalmente, a terceira e última fase inicia-se em 1945 e já começa a se misturar com o Pós-Modernismo.

A produção literária modernista brasileira foi muito variada: poemas, romances, teatro, manifestos. Dentre estas produções, destacam-se alguns poemas que abordam o tema da própria literatura, ou seja, a metalinguagem. A seguir, analisaremos um deste – "Poética", de Manuel Bandeira.

2. 1 "Poética", de Manuel Bandeira

Um poeta que definitivamente marcou o modernismo brasileiro foi Manuel Bandeira: seu poema "Os sapos" é o abre-alas da Semana de Arte Moderna de 1922 e "Poética" é praticamente um manifesto da poesia moderna. Utilizando metalinguagem, ambos os poemas constroem uma nova identidade estética brasileira.

"Poética" é um dos poemas do livro *Libertinagem*, mais precisamente, é o poema-chave desta coletânea, publicada em 1930, contendo poemas escritos de 1924 a 1930, portanto, cronologicamente, na primeira fase modernista. Seu título já nos transmite sua principal intenção: liberdade, irreverência com dogmas, insubmissão, indisciplina. Pontiero (1986, p. 106) defende que esta obra representa "algo inconfundivelmente novo e inteiramente restaurador na moderna poesia brasileira". O próprio Bandeira afirma sobre seu livro: "Não admira pois que seja entre os meus livros o que está mais dentro da técnica e da estética do modernismo" (BANDEIRA, *apud* PONTIERO, 1986, p. 107).

"Poética" indica novos rumos, vem para romper com o tradicional. Assim como "Os sapos", é uma afronta direta aos parnasianos, e à sua preocupação exagerada com a forma. O texto exprime uma revolta, juntamente com um desabafo e momentos de impulso do autor, que se recusa a se conformar com as formas tradicionais (CASTELLO, 2004). "[...] proclama a rebelião do poeta contra os cânones consagrados da criação poética sua rejeição inequívoca

aos preconceitos parnasianos" (PONTIERO, 1986, p. 107). É a destruição do conservadorismo, é o interesse pelo inconsciente, o "lirismo dos bêbados". Bandeira critica diretamente quando diz "Abaixo os puristas", sendo estes os preocupados excessivamente com a escrita correta, que não admitem as transformações da língua, seu dinamismo. No poema, os "puristas" são pessoas que dominavam o cenário literário brasileiro, como Rui Barbosa, Coelho Neto e os parnasianos.

Fica clara uma oposição entre os primeiros e os últimos versos do poema. Naqueles, o eu-lírico faz uso de diversas imagens que passam a ideia de um lirismo monótono, moderado. Há uma preocupação constante e obsessiva com normas e regras que sufocam a linguagem literária. O lirismo "comedido" e "bem-comportado" é o lirismo dos puristas, dos parnasianos, como Olavo Bilac, que tanto exalta a forma perfeita em seu poema "Profissão de fé", no qual expõe sua obsessão pela Deusa Forma. O próprio título do poema transmite essa declaração pública de uma crença, seu conceito puramente formalista sobre o fazer poesia. A proposta parnasiana é a perfeição estética e a "arte pela arte". O movimento modernista, opondo-se totalmente a esta escola literária, busca o verso livre, repudia a preocupação excessiva com a forma e, sobretudo, pretende inovar, chocar. A intenção de Bandeira, com este poema, é justamente o oposto do poema parnasiano. Ele não quer uma poética que seja como um funcionário público mecanizado ou um ourives que burila a forma, buscando a perfeição. Ele está farto de "enfeitar a imagem", "limar a frase" ou de "seguir a norma". O poeta modernista considera esse lirismo "namorador, político, raquítico, sífilítico" e defende que o real lirismo é o dos loucos, dos bêbados, dos *clowns*.

Quando ele afirma: "Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais / Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção / Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis", ficam claras aqui algumas das propostas modernistas para o fazer literário: todas as palavras podem e devem ser utilizadas em um poema, e não somente um vocabulário rebuscado ou palavras buriladas, difíceis, inteligíveis somente com a ajuda de um dicionário. O Modernismo prega o coloquialismo, a inserção da oralidade na literatura, portanto aí também os "barbarismos universais". Sabe-se também que neste movimento literário há uma desconstrução da gramática e da sintaxe, há o uso recorrente da sintaxe invertida, a abolição de sinais de pontuação e outros recursos para indicar a fala corrida, a oralidade. Por isso, as "sintaxes de exceção". "Todos os ritmos", todas as formas de verso, de rima, de não verso e de

não rima. Não há mais o poema metrificado rigorosamente, com suas rimas ricas etc. Aliás, a própria estrutura do poema corrobora com o que ele prega: não há rimas, não há respeito às regras de pontuação, o vocabulário é simples.

O eu-lírico ainda diz que está farto "De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo" e que este tipo de lirismo "Será contabilidade tabela de co-senos secretário do amante exemplar / [com cem modelos de cartas e as diferentes / [maneiras de agradar às mulheres, etc.". Renega o lirismo tradicional, a sintaxe perfeita, o ritmo prudente. Ele reconhece uma linguagem brasileira e o poema como um grito de liberdade. Mostra o mito dos valores tradicionais e, no final do texto, enaltece uma nova forma de lirismo, o lirismo de um mundo de prazeres, um lirismo despreocupado, espontâneo, "dos loucos", "dos bêbados", um lirismo livre e verdadeiro.

3. Literatura contemporânea

Há certa dificuldade em se analisar um cenário literário ainda fazendo parte dele, como é o caso da literatura contemporânea. Ainda não há o distanciamento de tempo como acontece com os períodos passados e sabemos que a visão que temos atualmente da nossa literatura contemporânea pode ser, e provavelmente será, modificada no futuro. Sabemos que a literatura modernista influenciou e ainda influencia nossa literatura. Sua revolução poética influenciou, posteriormente, os concretistas, tropicalistas, a poesia-práxis, a poesia marginal etc.

Não há nem mesmo um consenso entre os críticos quanto ao início da literatura contemporânea. Alguns apontam sendo a partir da década de 1980, alguns defendem até que ainda estamos no Modernismo, alegando que não houve uma mudança radical, uma ruptura, que constituiria um novo período literário (COUTINHO, 2004).

É na pós-modernidade que as minorias ganham força também na literatura – literatura feminina, afro, indígena, homossexual –, assim como a literatura popular e a de massa. Neste contexto de novas formas de expressão e, até mesmo, certa abertura do cânone, não fica de lado a questão tecnológica. Principalmente nos últimos anos do século XX e neste início de século XXI.

A respeito da temática deste período, Fernandes (2009, p. 303, grifo nosso) afirma:

A temática diversificada de pontos que são tratados por escritores considerados pós-modernos inclui: conspiração, **tecnologia**, poder da mídia, poder da imagem, televisão, cultura popular, multiculturalismo, retorno crítico à História, consumismo, sociedade de vigilância, tragédia nuclear, poder do capital, terrorismo, paranoia, religião, morte. A **intertextualidade** é uma característica essencial do Pós-Modernismo, pois textos já produzidos surgem em outros textos, mas em um novo contexto.

Portanto, percebe-se que a metalinguagem foi e ainda é um dos temas muito trabalhados na literatura. Na contemporaneidade ela divide espaço com outros temas que são característicos de nossa época, como, por exemplo, as questões de identidade – especialmente, fragmentada – e tecnologia. É a respeito desta última, relacionada com o fazer poético, que se trata o poema "Nova profissão de fé", de Ivo Barroso.

3. 1 "Nova profissão de fé", de Ivo Barroso

"Nova profissão de fé" integra o livro *A caça virtual e outros poemas* (2001), de Ivo Barroso, poeta e tradutor brasileiro. Logo em seu título percebemos a imensa intertextualidade com o poema "Profissão de fé", de Olavo Bilac, poeta parnasiano.

Logo na primeira estrofe, o eu-lírico afirma que os poetas atuais não escrevem mais seus poemas com uma caneta, ou uma pena, como era antigamente, mas os poemas agora são digitados num computador. Na segunda estrofe, ele utiliza o termo "frase elétrica", remetendo à ideia da eletricidade, do computador. E diz: "Adeus à rima. / Adeus à métrica. / Adeus gramática.". Em uma entrevista, o próprio Ivo Barroso comentou estes versos, numa crítica a alguns dos novos poetas que acham que podem prescindir de tudo: rima, métrica e gramática, simplificando o fazer poético ao simples "digitar" no computador, em nome de uma falsa liberdade estética ou formal. Isto se confirma na estrofe seguinte: declarando ser um bom poeta, "já não procura / a via reta / na selva escura", ou seja, ele não busca uma boa qualidade para seu poema, uma vez que se autodenomina um bom poeta. Ele continua a desenvolver esta ideia na quarta estrofe, ao afirmar que estes poetas ficam de atalaia, ou seja, à espera "de uma palavra que lhe caia", de uma inspiração que venha. Na quinta estrofe, ele denomina este

ato "uma caçada" e que não cessa. E faz um jogo de palavras com os termos "cessa" e "acessa": é uma caçada (de palavras) que nunca para, nunca acaba e "No fim da madrugada / ainda acessa.", utilizando um termo próprio da informática: *acessar* um *site*, talvez em busca de ideias.

Na sexta estrofe, podemos identificar uma intertextualidade com o Concretismo, quando o eu-lírico fala a respeito da "tela branca", remetendo-nos à importância e ao uso da página em branco, mas, num mundo informatizado como é o nosso contemporâneo, não é mais uma página de papel em branco, e sim, uma tela de computador em branco. Na sétima estrofe há a palavra "teclado", mais uma vez remetendo à informática. E, por fim, na última estrofe, no primeiro verso ("Nada se salva") há a questão da polissemia do verbo *salvar*, e o próprio Ivo Barroso explica: primeiro, no sentido de não haver nada que valha a pena e, segundo, a decepção do poeta de não ter salvado o trabalho no computador, implicando, no último verso, o verbo *deletar*: o poeta não salvou a poesia e, conseqüentemente, apagou-a de seu computador, deletando-a. Barroso afirma que isto é uma caricatura do poeta que domina os recursos poéticos, mas não domina a informática, não valendo de nada, pois deleta sua obra. E, em contrapartida, há o poeta que domina a tecnologia, mas não possui qualidade poética. E Barroso ainda afirma: "o poema é uma crítica ao poeta despreparado em todos os sentidos para o amargo ofício da poesia".

Assim como Manuel Bandeira corrobora suas ideias de verso livre, pontuação desregrada com o seu fazer poético, Ivo Barroso também o faz: critica poetas sem qualidade, que desprezam a rima, a métrica e a gramática, e ele, neste poema, preza por esses três elementos, elaborando rimas, utilizando a gramática para fazer um jogo com as palavras e com uma métrica rigorosa – por exemplo, 4 sílabas poéticas: (Ho / je / se a / rri) (na / fra / se e / lé) (mui / to / mais / prá).

4. Comparações e algumas considerações

Percebemos, assim, que diferentes períodos literários abordam um mesmo tema – amor, morte, mulher, violência, religião, natureza etc. – de diferentes formas, muitas vezes ocorrendo o diálogo ou a paródia entre eles, como vimos nos dois casos anteriores. "Poética",

poema modernista, trabalha a temática da metalinguagem de modo a defender os novos preceitos modernistas e criticando a poesia parnasiana, com afrontas aos parnasianos.

Manuel Bandeira, no decorrer de sua carreira criou vários poemas metalinguísticos que podem ser considerados "poéticas", ou seja, eles tratam do "fazer poesia", tanto para dizer "para que" serve a poesia, como para dizer como ela "deve ser". Em "Poética", objeto de análise deste trabalho, o autor, de fato, expressa como deveria ou não deveria ser a poesia, de acordo com seu ponto de vista, de acordo aos preceitos modernistas. Dentre os poemas metalinguísticos de Bandeira, podemos considerar este o mais conhecido e importante, conforme afirma Junqueira:

“Poética” não é apenas um dos melhores poemas do autor, mas também um dos mais importantes que escreveu, talvez o mais significativo no que se refere ao discurso metalinguístico e à síntese de seus procedimentos líricos (JUNQUEIRA, 2003, p.107).

Já "Nova profissão de fé" aborda a metalinguagem entrelaçada com as questões tecnológicas da modernidade próprias do século XXI. Constatamos que além de haver um estilo próprio de cada período literário (por exemplo, o Modernismo defendia a liberdade criadora, liberdade formal, coloquialidade, ideias nacionalistas etc.), há também o estilo individual de cada autor – Manuel Bandeira, por exemplo, reflete em suas obras um pouco de sua biografia, devido a fatos como a tuberculose, que perpassa toda a obra do autor – e a época e o contexto sócio-histórico influenciam seu modo de trabalhar certa temática. "Poética", inserida no contexto do pós-guerra, influenciada pelas vanguardas europeias, numa sociedade com bruscas mudanças nas grandes cidades brasileiras, fruto do processo de industrialização e urbanização e do aumento do número de imigrantes, reflete todo esse processo de mudança pelo qual o Brasil passava e, principalmente, é fruto da necessidade de se buscar uma identidade nacional. "Nova profissão de fé" é o retrato fiel do século XXI e suas tecnologias que mudam e inovam a cada dia, o que espelha, também, na arte, na literatura. Seria estranho um poeta que não considerasse este contexto, estas mudanças, e toda a tecnologia da informática em um poema dos anos 2000, pois isto é inerente à nossa época.

Por fim, apesar de se tratar de poemas que trabalham com a mesma temática, devemos considerar que os poemas estudados foram escritos em momentos diferentes, portanto, há de se esperar que haja semelhanças e diferenças entre eles. Podemos destacar que a semelhança existente entre eles está no que diz respeito ao que propõem: os dois são, claramente, poemas que ressaltam como deveria ou não deveria ser a poesia. Assim como são como um "manifesto", vão contra um outro modo de se fazer poesia. Em relação à diferença, destacamos os aspectos formais e as influências de cada época, cada um deles segue uma estética: "Poética" defende a forma livre do momento revolucionário do Modernismo e é escrito conforme ao que defende; "Nova profissão de fé" já segue uma métrica, trata-se de um poema contemporâneo, de uma literatura altamente influenciada por questões atuais, como a tecnologia.

Tanto "Poética" quanto "Nova profissão de fé" são poemas pertencentes a épocas de rompimento, de transformação, propondo uma nova literatura, uma literatura a seu tempo – no primeiro, o contexto modernista e no segundo caso, nossa contemporaneidade.

Referências

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *Dom Casmurro*. 25. ed. São Paulo: Ática, 2004.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 25. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARROSO, Ivo. Nova profissão de fé. In: Correio das artes. Disponível em: < http://cd-artes.blog.uol.com.br/arch2005-04-01_2005-04-30.html>. Acesso em 02 nov. 2011.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira: Modernismo*. 9. ed. São Paulo: Difel, 1983.

CASTELLO, José Aderaldo. *A Literatura Brasileira: Origens e Unidade (1500 – 1960)*. São Paulo: Edusp, 2004.

CHALHUB, Samira. *A metalinguagem*. São Paulo: Ática, 1986.

COUTINHO, Afrânio. *A tradição afortunada: O espírito de nacionalidade na crítica brasileira*. São Paulo: Edusp, 1968.

COUTINHO, Eduardo de Faria. O Pós-Modernismo no Brasil. *In:* COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil: relações, perspectivas, conclusão*. Codireção Eduardo de Faria Coutinho. 7. ed. São Paulo: Global, 2004. p. 236-244.

FERNANDES, Giséle Manganelli. O Pós-Modernismo. *In:* BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009. p. 301-315.

GIL, Gilberto. *Metáfora*. Disponível em: <http://www.gilbertogil.com.br/sec_disco_info.php?id=585&letra>. Acesso em: 06 nov. 2011.

GULLAR, Ferreira. Meu povo, meu poema. *In: Na hora da chuva*. Disponível em: <<http://nahoradachuva.blogspot.com/2006/04/meu-povo-meu-poema-ferreira-gullar.html>>. Acesso em: 06 nov. 2011.

JOBIM, Tom. Samba de uma nota só. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/tom-jobim/49064/>>. Acesso em: 06 nov. 2011

JUNQUEIRA, Ivan. *Testamento de Pasárgada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

LISPECTOR, Clarice. *De escrita e vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

PONTIERO, Giovanni. *Manuel Bandeira: visão geral de sua obra*. Trad. Terezinha de Jesus do Prado Galante. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

PROENÇA FILHO, Domício. *Estilos de época na literatura*. 11. ed. São Paulo: Ática, 1989.

ANEXOS

Poética

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente
[protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor

Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionário
[o cunho vernáculo de um vocábulo

Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquíptico
Sifilítico
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo.

De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela de co-senos secretário do amante exemplar
[com cem modelos de cartas e as diferentes
[maneiras de agradar às mulheres, etc.

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare

- Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

(BANDEIRA, 1993, p. 129)

Nova profissão de fé

O poeta já não escreve.
Sua escrita
por mais breve
ele digita.

Hoje se arrima

na frase elétrica
muito mais prática:
Adeus à rima.
Adeus à métrica.
Adeus gramática.

Como declara
ser bom poeta
na tela clara,
já não procura
a via reta
na selva escura

E de atalaia
se põe à espreita
de uma palavra que lhe caia
na rede branca que ele deita.

Ronda noturna essa
caçada
que nunca cessa.
No fim da madrugada
ainda acessa.

Da tela branca
noite afora
por fim arranca
a sua aurora.

No fim cansado
de tanta busca
com dissabor
toca o teclado
de forma brusca.

Nada se salva
de seu labor
de poeta.
Pois nada salva
na tela alva
que ele deleta.

(BARROSO, 2001, n.p.).